

CRUZAMENTO VOCABULAR EM PORTUGUÊS: A QUESTÃO DAS FRONTEIRAS COM OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO

Carlos Alexandre GONÇALVES
(UFRJ/CNPq)

RESUMO: Análise dos Cruzamento Vocabular em português a partir do confronto com outros processos de formação de palavras que igualmente se utilizam de duas bases – a composição e a analogia.

PALAVRAS-CHAVE: Cruzamento Vocabular; Mesclagem; Formação de Palavras.

Palavras Iniciais

Neste texto, analiso o fenômeno do *Blend* Lexical em português a partir do confronto com outros processos morfológicos de junção de palavras. Também chamado de Palavra-Valise (cf. Alves, 1990), Cruzamento Vocabular (cf. Silveira, 2002) e Mistura (cf. Sândalo, 2001), o *Blend* Lexical consiste na *junção de dois vocábulos, sendo que o segundo é utilizado para completar parte do primeiro* (Laubstein, 1999: 1), a exemplo do que ocorre com ‘portunhol’, em que a sílaba tônica de ‘espanhol’ se alinha à direita das duas átonas de ‘português’ para finalizar a construção cruzada.

Utilizando os dados de Silveira (2002), procuro refutar a análise de Sandmann (1990), para quem o *Blend* é um tipo de composição em português (p. 76). Ao descrever o fenômeno a partir da Morfologia Prosódica (cf. McCarthy & Prince, 1995), demonstro que ele se diferencia da Composição por constituir caso claro de Morfologia Não-Concatenativa em português (cf. Gonçalves, 2002), uma vez que a sucessão linear estrita das bases é muitas vezes rompida por sobreposições (cf., p. ex., ‘sacolé’). Em função disso, há correspondência de muitos-para-um entre os segmentos das formas de base e os segmentos do vocábulo cruzado.

O texto se estrutura da seguinte forma: na seção 1, descrevo o comportamento do *Blend*, diferenciando-o de outros processos que igualmente se servem de duas bases para formar novas palavras em português. Na seção seguinte, mostro que o fenômeno requer acesso a informações prosódicas e analiso a estrutura morfológica de *blends* à luz da Morfologia Prosódica (cf. McCarthy & Prince, 1995). Concluo o artigo, mostrando que a formação de vocábulos cruzados não é arbitrária, como sugere a maioria dos autores que descreveram o fenômeno (cf. p. ex., Sandmann, 1989; e Alves, 1990).

Blends Lexicais: fronteiras com outros processos de formação

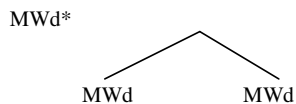
Apesar de duas palavras servirem de *input* à formação de uma terceira, como na Composição, *blends* diferem de compostos por serem caracterizados pela interseção de bases (e não pelo encadeamento). A Composição preserva a ordem linear dos elementos formadores, de modo que a segunda palavra se inicia exatamente no ponto em que a primeira termina (cf. ‘baba-ovo’, “bajulador”), mesmo quando um segmento é apagado por crase (‘aguardente’), elisão (cf. ‘planalto’) ou haplologia (cf. ‘dedurar’), como acontece nos compostos aglutinados. Essa sucessão linear estrita nunca é preservada no *Blend* Lexical (doravante BL), uma vez que as bases são literalmente fundidas, havendo, em decorrência, perda de material fônico não justificável por processos fonológicos segmentais. Vejam-se os dados:

(01) matel (mato + motel) – “motel ao ar livre”

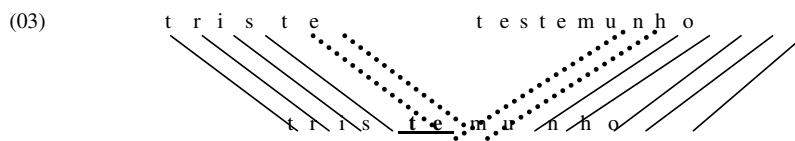
apertamento (apartamento + aperto) – “apartamento muito pequeno, apertado”
 cansástico (cansativo + Fantástico) – “Programa de TV considerado cansativo”
 gayroto (gay + garoto) – “criança do sexo masculino efeminada”
 chafé (chá + café) – “café muito fraco, que se parece com chá”

Não irei me deter nos valores expressivos que as construções cruzadas veiculam. Remeto o leitor interessado ao trabalho de Silveira (2002), que, abordando o fenômeno à luz da Morfopragmática (cf. Kiefer, 1998), diferenciou compostos de cruzamentos em termos de (a) latitude funcional, (b) posição de cabeças lexicais e (c) possibilidade de justapor afixos de diferentes tipos³⁴¹. Como objetivo descrever a manifestação do BL, vou me concentrar nos aspectos estruturais que fazem desse fenômeno um processo não-concatenativo.

Uma vez que as bases que participam da formação de compostos são livres ou potencialmente livres, é possível dizer que elas equivalem a palavras morfológicas (MWds). Compostos combinam MWds para gerar um novo lexema, pois o significado global da construção nem sempre corresponde à soma do significado das partes componentes (cf., p. ex., Laubstein, 1999, e Sandmann, 1990). Dessa maneira, o novo lexema constitui MWd complexa, representada por MWd*, como em (02) a seguir:



No BL, a combinação de palavras provoca ruptura na ordem linear estrita por meio de um *overlapping*, que leva a uma correspondência de um-para-muitos entre formas de base e forma cruzada. Como resultado, uma das bases é realizada simultaneamente com uma parte da outra (cf. 03, a seguir).



Vistos dessa forma, *blends* distinguem-se de criações analógicas (cf. 04), aqui interpretadas como substituições sublexicais por envolverem incorporação de uma “palavra invasora” na chamada “palavra-alvo” (cf. Bat-El, 1996). A palavra-alvo apresenta uma porção fonológica que coincide com a encontrada numa forma de livre-curso da língua e é a partir dessa identidade formal que se dá a incorporação. Em ‘macumba’, por exemplo, a seqüência ‘má’ – que não apresenta qualquer *status* morfológico – é idêntica ao adjetivo ‘má’. A palavra invasora (‘boa’) é projetada a partir dessa seqüência, levando consigo suas estruturas métrica e silábica. ‘Boa’ promove o constituinte ‘ma’ à condição de radical, substituindo sublexicalmente essa seqüência.

mãedrastra (madrasta tão boa como uma mãe)
 bebemorar (comemorar à base de bebidas)
 tricha (homossexual afeminado em demasia; três vezes bicha)
 halterocopismo (levantamento de “copos” com bebida alcoólica)

³⁴¹ Gonçalves (2002) propõe uma análise preliminar do cruzamento vocabular na Teoria da Otimalidade (cf. Prince & Smolensky, 1993) e mapeia algumas diferenças entre compostos e cruzamentos a partir dessa perspectiva teórica.

Blends não podem ser analisados como substituições sublexicais porque duas palavras constituem *input* à formação de uma terceira. No caso de ‘bebemorar’, por exemplo, o *input* é a forma verbal ‘comemorar’, que, reanalisada, leva à inclusão da seqüência ‘bebe’, de ‘beber’, como se vê em (05). É no nível do *output* que se detecta a presença de duas bases. O BL é produto da junção de dois vocábulos em “planos alternativos”, ao contrário das formações analógicas, cujas bases operam em “planos competitivos” (cf. Dobrovolsky, 2001). Nesse último caso, o alvo é apenas uma das palavras e a interseção das bases é ocasionada pela reanálise intencional da forma-*input*. Veja-se (05) a seguir:

(05) (be . be . mo . rar)MWd
 ()MWd)MWd
 |
 (co . me)MWd)MWd*

Blends são fusões de duas palavras-matrizes: palavra 1 (P1) e palavra 2 (P2). O ponto de quebra (local em que essa junção ocorre) permite levantar algumas generalizações interessantes sobre a estrutura lexical de cruzamentos. Em linhas gerais, há dois padrões para o BL no português do Brasil, de acordo com Gonçalves (2002): (a) um para os casos em que P1 e P2 apresentam algum tipo de semelhança fônica e (b) outro para aqueles em que P1 e P2 são totalmente diferentes do ponto-de-vista segmental. Essa (des)semelhança fônica determinará o ponto de quebra³⁴².

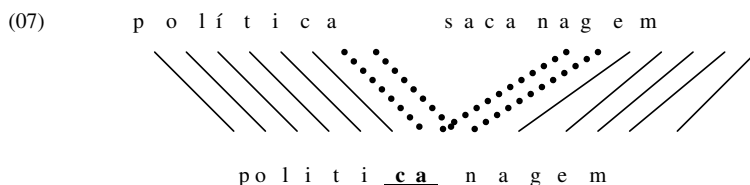
Se as duas palavras envolvidas são monossilábicas, a unidade após a quebra pode ser identificada como rima (cf. 06). O cruzamento de ‘pai’ com ‘mãe’, originando ‘pãe’ (“pai zeloso como mãe” ou “pai que cuida do(s) filho(s) sem a presença da mãe”), separa o *onset* da rima, aproveitando o ataque de P1 e a rima de P2, como se vê na representação a seguir.

(06) p (a i m) ã e
 | √ | √
 O R O R
 └──────────┘
 p ã e

Dados como (06) nos levam a identificar a rima como unidade de produção no BL. Contudo, existe o problema de detectar qual é a porção das bases que vêm antes e depois da quebra. Bastante clara nos monossílabos, essa situação é mais delicada no caso de vocábulos maiores. As palavras ‘saco’ e ‘picolé’ apresentam uma sílaba em comum (‘co’). Essa semelhança determina não só a interseção das palavras, como também a posição das bases no interior do cruzamento. Em decorrência de a sílaba ‘co’ ser átona final em ‘saco’, o BL preservará o acento de ‘picolé’, fazendo com que essa forma funcione como P2 (cabeça lexical) e seja responsável pela pauta acentual da nova formação (‘sacolé’ – “picolé em saco”). Raciocínio semelhante pode ser encaminhado à junção de ‘política’ com ‘sacanagem’, cujo BL é ‘políticanagem’. A presença de uma sílaba comum (‘ca’) determina o ponto de quebra: como essa sílaba

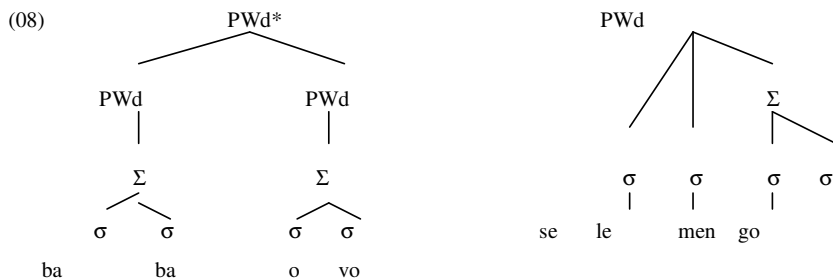
³⁴² A semelhança fônica deve ser interpretada não como mera presença de um segmento comum, mas como uma semelhança em termos de posição na estrutura da sílaba. Assim, embora ‘show’ e ‘comício’ apresentem uma vogal média posterior em comum (/o/), essa identidade não é estrutural, uma vez que as rimas são diferentes: na primeira palavra, a rima é ramificada (cf. /ow/), enquanto na segunda a rima é constituída unicamente da vogal média (cf. /o/). Dessa forma, ‘show’ e ‘comício’ são interpretadas como dessemelhantes, sendo o *blend* formado a partir do padrão 2 (cf. ‘showmício’).

é final em ‘política’, P2, a cabeça (núcleo da formação), será ‘sacanagem’, que levará seu acento lexical para a nova palavra, como se vê em (07):



Nos casos em que as formas de *input* são totalmente dessemelhantes, não haverá descontinuidade morfológica, pois a quebra será feita com base no melhor rastreamento das palavras-matrizes (maior grau de identidade). Por exemplo, ‘português’ e ‘espanhol’ não apresentam qualquer segmento em comum, do ponto-de-vista da estruturação silábica. Nesse caso, a quebra será feita nas tônicas, sendo aproveitadas as duas sílabas iniciais de ‘português’ e a sílaba final de ‘espanhol’, resultando em ‘portunhol’ (“mistura de português com espanhol” ou “interferência do português no espanhol ou vice-versa”). A outra possibilidade (cf. ‘espaguês’), por ser mais opaca, dificilmente levaria às palavras que serviram de *input*. O mesmo acontece com ‘cariúcho’ (“gaúcho que vive muito tempo no Rio de Janeiro e já se considera carioca”) e ‘showmício’ (“comício com apresentação de *shows* musicais”).

O que segue ou o que precede o ponto de quebra nem sempre é um constituinte morfológico, fazendo com que o BL seja visto como fenômeno distinto da Composição, cujo encadamento preserva a integridade das bases, mesmo que um processo fonológico modifique uma delas. A despeito das similaridades morfossemânticas (cf. Silveira, 2002), há uma diferença crucial entre BL e Composição: nos compostos regulares³⁴³, cada um dos formativos projeta sua própria palavra prosódica (PWd), enquanto nos *blends* os dois formativos levam a uma só PWd, como se vê em (08):

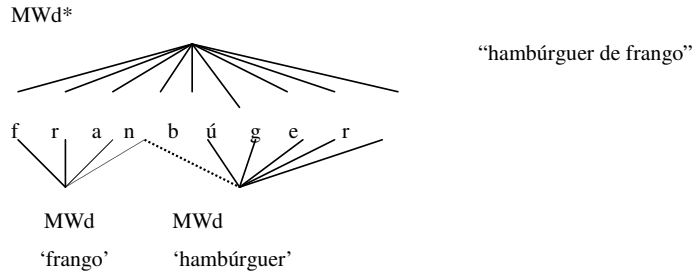


Em resumo, o BL é um processo de formação de palavras que acessa informações fonológicas, como (a) a posição do acento de P1 e P2, (b) o grau de semelhança fônica entre as bases e (c) a natureza estrutural da seqüência compartilhada pelas formas que se quer combinar. Por esses motivos, deve ser visto não como um caso de substituição sublexical, como as criações analógicas, mas como uma fusão que leva à mistura não-linear de bases, o que faz com que *blends* se diferenciem de compostos, cuja ligação sempre se dá por encadamento, seja ele por justaposição ou por aglutinação.

³⁴³ De acordo com Villalva (2000), Rio-Torto (1998) e Silveira (2002), não são produtivos os chamados compostos aglutinados, cujo produto leva a uma só palavra prosódica.

A estrutura morfológica de *Blends* Lexicais

Assumindo que o morfema é uma unidade de significação (cf. Spencer, 1991), podem-se identificar três elementos morfológicos em um cruzamento. A representação em (09) ilustra o fato de 'franbúrguer' não apenas rotular um diferente tipo de carne processada, mas também veicular os conteúdos 'frango' e 'hambúrguer'. Em outras palavras, os significados dos *inputs* combinam-se no cruzamento para formar um novo conceito unificado. Por conseguinte, os segmentos das duas palavras morfológicas (MWds) são associados a uma palavra morfológica complexa (MWd*), uma vez que contribuem para formá-la.



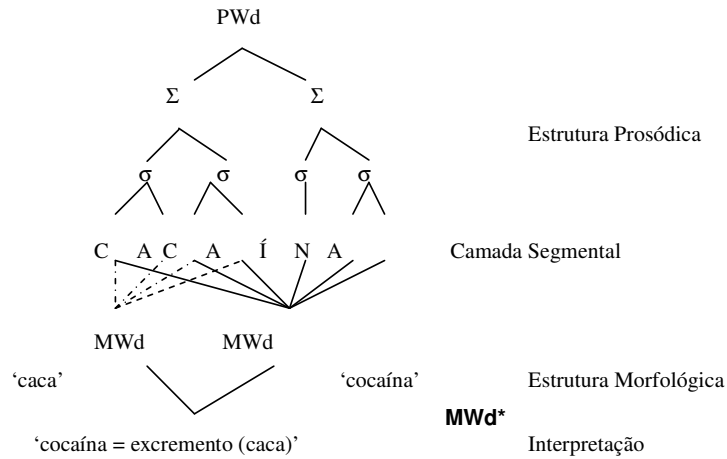
Apesar de as fronteiras entre palavras morfológicas nem sempre serem precisas no BL, devido à existência de sobreposições, defendo a idéia de que esse fenômeno apresenta estrutura morfológica composicional. Os *inputs* das MWds permanecem no cruzamento de acordo com a análise MWd* → MWd MWd (cf. representação 02), que se aplica tanto a compostos quanto a *blends*. Essa proposição é vital para a defesa de que há elementos ambimorfêmicos no BL, pois nenhum segmento poderia ser ambimorfêmico se houvesse apenas um morfema. Os exemplos de (10) mostram que o significado de um cruzamento é composicional, o que comprova a existência de estrutura morfológica interna.

- (10) analfabeto + burro → analfaburro
 ‘iletrado’ ‘idiota’ ‘analfabeto idiota’
- gay + garoto → gayroto
 ‘homossexual’ ‘menino’ ‘menino com traços homossexuais’

A semelhança na análise MWd* → MWd MWd não é igual, no entanto, compostos e cruzamentos. Como destaquei mais acima, compostos projetam suas próprias palavras prosódicas (PWd) sobre um nó PWd*, enquanto BLs se apresentam em uma única palavra prosódica (cf. 08), refletindo a tendência de evitar recursividade do constituinte PWd.

A recursividade da palavra prosódica (PWd) é necessária na combinação de duas palavras morfológicas (MWd), uma vez que todo constituinte morfológico se sujeita ao licenciamento prosódico. Mais especificamente, toda MWd deve ser licenciada por uma PWd. Como defendi mais acima, cruzamentos contêm apenas uma palavra prosódica, apesar de existirem três palavras morfológicas em seu interior. Dessa forma, satisfazem a condição NO-PWd*, como se vê em (13).

(13)



PALAVRAS FINAIS

Procurei demonstrar que a produção de *blends* não é arbitrária, como sugerem, entre outros, Alves (1990) e Rocha (1998). Ao analisar a estruturação interna de cruzamentos, mostrei que há inúmeras diferenças entre Composição e *Blend Lexical*, fazendo do primeiro um processo morfológico aglutinativo e do segundo uma operação não-concatenativa. Dessa maneira, forneço argumentos contrários à alegação de Sandmann (1990: 49), segundo a qual *cruzamento é um tipo de composição*.

Referências Bibliográficas

- ALVES, I. M. (1990). *Neologismo*. São Paulo: Ática.
- GONÇALVES, C. A. (2002). *Restrições de fidelidade em modelos paralelistas: morfologia e fonologia*. Campinas: UNICAMP, p. mimeo.
- KIEFER, F. (1998). Morphology and Pragmatics. In: SPENCER, A. & ZWICKY, A. (eds.). *The Handbook of Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LAUBSTEIN, A. S. (1999). Word Blends as sublexical substitutions. *Canadian Journal of Linguistics*, 44 (2): 127-48.
- McCARTHY, J. (1986). A prosodic theory of nonconcatenative morphology. *Linguistic Inquiry*, 12 (3): 373-417.
- McCARTHY, J. & PRINCE, A. (1993). Generalized Alignment. In: BOOIJ, G. E. & MARLE, J. (eds.). *Yearbook of Morphology*. Dordrecht: Kluwer.
- McCARTHY, J. & PRINCE, A. (1995). *Faithfulness and reduplicative identity*. Rutgers: Rutgers University.
- PIÑEROS, C. E. (2000). *Word-blending as a case of non-concatenative morphology in spanish*. Rutgers: Rutgers University. Disponível em roa.rutgers.edu.
- PRINCE, A. & SMOLENSKY, P. (1993). Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar. Rutgers University/University of Colorado: New Brunswick.
- RIO-TORTO, M. G. (1998). *Morfologia Derivacional: teoria e aplicação ao português*. Lisboa: Porto.
- ROCHA, L. C. (1998). *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG.

- SÂNDALO, M. F. (2001). Morfologia. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (eds.). *Introdução à Lingüística*. São Paulo: Cortéz.
- SANDMANN, A. J. (1990). *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto.
- SILVEIRA, C. M. da (2002). *Cruzamento Vocabular em português: acaso ou processo?* Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.
- SPENCER, A. (1991). *Morphological Theory*. Cambridge: Basil Blackwell.
- URBANCZYK, S. (1996). *Patterns of reduplication in Lushootseed*. Doctoral Dissertation. Amhest: University of Massachusets.
- VILLALVA, A. (2000). *Estruturas lexicais do português*. Coimbra: Almedina.